



A Comunidade Local e a Festa Nacional da Uva¹

Adriana Schleder²

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Resumo

A 27ª Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul, foi realizada em 2008 e recebeu quase um milhão de visitantes. Parte desse grupo é representado pela comunidade local, que além de promotora, também participa da festa. Este artigo direciona o olhar para esse público, no sentido de compreender o que população caxiense pensa a respeito da festa. Para encontrar respostas, a pesquisa utilizou como referencial a coluna de Opinião do Leitor do Jornal Pioneiro, único veículo diário no município, entre janeiro e abril de 2008, período de preparação, realização e avaliação do evento. O estudo revela que, muito mais que realizar uma festa, os organizadores precisam ouvir e envolver a comunidade no processo, para que o resultado não seja apresentado apenas em números, mas contribua para a construção e preservação de uma identidade local.

Palavras-chave: festas populares; turismo; comunicação; Festa Nacional da Uva; comunidade local.

Introdução

A primeira Festa da Uva foi realizada em Caxias do Sul, no ano de 1931, pela iniciativa de um grupo de empresários. Durou apenas um dia, no salão principal do Recreio da Juventude, clube tradicional da cidade. A idéia era incentivar os agricultores caxienses no plantio de uvas viníferas de maior qualidade, como primeiro passo para a melhoria na elaboração de vinhos. A última edição foi realizada em 2008, com o tema *Uma vez imigrante, para sempre brasileiro*. Da primeira para a última festa, sete décadas se passaram. De um pequeno encontro para mostrar o potencial agrícola da cidade, o evento tomou forma. Surgiu o potencial industrial, que foi agregado à festa. E também o potencial turístico. Durante a Segunda Guerra Mundial a festa foi cancelada. O reinício deu-se em 1950, como uma busca pela identidade apagada pela guerra. Já na década de 1970, a Festa da Uva passa por uma crise. Um conflito entre a visão

¹ Trabalho apresentado no NP de Comunicação, Turismo e Hospitalidade do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestrandia em Turismo pela UCS, email: adrischleder@terra.com.br.



tradicional de uma festa da comunidade e uma nova proposta para que seja um empreendimento centrado em interesses de ordem econômica. A crise se prolongou por quase vinte anos.

A década de 1990 representa a retomada da Festa da Uva pela comunidade. Na tentativa de buscar uma identidade para a festa, cria-se uma Comissão Comunitária para gerenciar a organização. Os resultados positivos registrados nas edições de 1994 e 1996 ampliaram as discussões no sentido de dar à festa um caráter mais de *festa* e não de *feira*, que seguem até os dias atuais.

Essas discussões trouxeram também outra preocupação, a de aproximar mais a comunidade local da festa. Foram criados projetos no sentido de integrar a população de Caxias nos preparativos e realização do evento: o *Tirando o Pó* – incentivava os moradores a valorizar o passado, montando recantos com objetos de família; a *Gincana Cultural* – com tarefas que exigiam pesquisar e relacionar aspectos culturais e históricos de Caxias do Sul e região; e a *Olimpíada Colonial* – que contava com provas diferenciadas como arremesso de queijo, fazer *bígoli* (tipo de massa) e corrida de *cariola* (carrinho de mão). Os números oficiais divulgados pela organização da Festa da Uva nas últimas edições revelam resultados positivos, mas é necessário avaliar a opinião da comunidade para ter uma visão melhor desse contexto.

Neste sentido, este artigo propõe analisar o que pensa a população caxiense a respeito da Festa da Uva, tendo como referência a 27ª edição, realizada entre 21 de fevereiro e 09 de março de 2008. Para análise, serão utilizados os depoimentos da comunidade a partir da coluna Opinião do Leitor, do Jornal Pioneiro de Caxias do Sul, entre primeiro de janeiro e 30 de abril, período de preparação, realização e divulgação da festa.

O foco direcionado para a Comunicação Social deve-se à formação da pesquisadora e também a abordagem de Serge Moscovici (1978), dentro da Psicologia Social, de que as representações sociais são determinadas pelos meios de comunicação (jornais, rádio, conversações, etc.), e pela organização social (igreja, partidos, etc.). E de que também a organização coletiva do conhecimento e a circulação de opiniões são influenciadas pelos meios de comunicação.

Levando em conta a maneira como a mídia transforma, e, de certa forma, define a circulação de bens simbólicos na sociedade contemporânea, ela se torna um fonte importante de reflexão para o estudo das representações sociais. E o vínculo entre a



formação e a transformação das representações sociais e os meios de comunicação de massa merece atenção cuidadosa.

Por ser o único veículo de comunicação escrita da cidade, com periodicidade diária e 60 anos de existência, o jornal Pioneiro é fonte de informação não só para seus leitores, mas para outras empresas de comunicação da cidade, como rádios e emissoras de televisão, o que acabam disseminando ainda mais o que foi publicado.

Como a Festa da Uva é o evento mais importante do município, e altera a rotina da cidade a cada dois anos, no período entre a preparação e avaliação da festa o assunto é tema de muitos debates e questionamentos, o que motiva a participação da comunidade. É neste momento, rico em discussão e reflexão, que se dá a análise desta pesquisa.

A intenção é conduzir o olhar para a comunidade onde a festa está inserida, tirando o foco do turista (neste caso, aquela pessoa que vem de outros lugares para visitar a festa), fonte de inúmeras pesquisas, e direcionando para as pessoas que participam diretamente ou indiretamente do evento, como promotores, integrantes, divulgadores ou apenas espectadores com uma perspectiva local. Porém, antes de avaliar os dados obtidos, é necessário definir alguns conceitos que serão abordados neste texto.

Festas Populares

As festas apresentam um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva. Rita Amaral (2001), em sua pesquisa *Festa à Brasileira - Sentidos do festejar no país que “não é sério”*, salienta que as festas ocupam um espaço privilegiado na cultura brasileira (entendida como um conjunto de valores compartilhados em todas as regiões do país), adquirindo, no entanto, significados particulares.

“Ela é capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É ainda o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis. O festejar brasileiro, por suas características peculiares pode ser considerado até mesmo, contrariamente à idéia de “alienação” que o envolve, como uma dimensão de aprendizado da cidadania e apropriação de sua história por parte do povo.” (AMARAL, 2001)



Em seu estudo sobre a Festa da Uva, Ribeiro (2002) aponta o mesmo caminho. Segundo a autora, uma atividade prazerosa como uma festa pode tornar-se uma forma de conhecer e de dar a conhecer a identidade dos que as celebram. Já Antônio de Paiva Moura, no artigo sobre *Turismo e festas folclóricas no Brasil*, destaca que “há sempre uma crença a ser defendida, toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência”. (MOURA, 2003, p. 38)

Nessa evolução das festas, os aspectos culturais também vão evoluindo. Músicas, histórias, danças vão ganhando releituras e se adaptando à realidade do momento e ao gosto popular. Mas mesmo assim não perdem suas características de pertencimento. As festas permanecem. Mesmo que não exista mais o original, os aspectos culturais continuam preservados. Barreto (2001) destaca que nada nem ninguém permanece absolutamente idêntico a si mesmo para sempre. Porém, ela salienta que o turismo, com base no legado cultural, permite que se mantenha, em um lugar específico, um determinado período de tempo que deu origem a essa comunidade.

“Permite que a comunidade, de alguma forma, engaje-se no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da história, de verificação das fontes. Permite, até mesmo, que muitos membros dessa comunidade adquiram, pela primeira vez, consciência do papel que sua cidade representou em determinado cenário e em determinada época.” (2001, p. 49)

Quando uma comunidade realiza uma festa, está construindo sua identidade local. Para compreender melhor o que isso significa, é preciso conceituar o que é identidade. Num conceito geral, identidade seria o sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto serem simbólicos que são. Elas pertencem a algum grupo, sentem afinidade com algo que lhe resgata algo seu, e tudo isto é chamado de identidade.

Martins (2003) ressalta que os estudos da cultura dos grupos apresentam alguns elementos fundamentais como identificadores étnicos, os quais são muito importantes para os processos de identidade. Entre esses elementos estão o território, a história, a cultura, a comunicação e patrimônio produzido. Segundo ele, todo grupo necessita de uma cultura que o sustente para poder existir, vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes.



As festas são um exemplo de consolidação dessa identidade local, onde a comunidade procura valorizar a sua história através da preservação da sua cultura. Ao escrever sobre o legado cultural e identidade, Barreto destaca:

“Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece.” (2001, p. 46)

Para contrapor esse mundo globalizado atual, onde existe uma padronização de gostos, atitudes, valores e expressões, que acabam deixando os locais *iguais*, Barreto defende a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas. Já que isso, numa etapa posterior, irá levar à recuperação da *cor local* e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado. Martins (2003) aponta para uma evolução maior, a de que o homem está num processo em que aprende a ver o seu potencial de povo, a sua identidade como algo peculiar e apenas seu. O fenômeno do turismo sai da exploração e chega à valorização do fazer e ser local, partindo do homem local. Isso agrega outros fatores/valores que levarão em breve o turismo regional à sustentabilidade.

As festas populares no Brasil tornam-se um importante referencial para a preservação da cultura no país. Moura (2003) enfatiza que as festas são o grande motor do turismo nacional, e constituem, assim, um dos grandes patrimônios culturais do país. É neste contexto de valorização e preservação da cultura local onde as festas populares se apresentam. O importante é que cada comunidade consiga preservar a sua identidade da melhor forma possível, seja numa festividade para o próprio grupo, numa festa de divulgação regional ou até mesmo como uma oferta turística. Porém, é necessário que a comunidade tenha a dimensão de onde quer chegar, para que em vez de promotora do turismo cultural passe a explorada pela indústria do turismo. Amaral (2001) aborda esse assunto em sua pesquisa.

“No Brasil, também, as festas populares movimentam milhões de dólares em sua produção, providos por patrocinadores que as vêm usando como mais um lucrativo espaço para a inserção de propaganda e promoção de consumo, investindo a cada ano mais neste filão [...]. Não se trata, contudo, de a festa ter sido invadida pela publicidade e arrancada das mãos populares e, sim, da necessária negociação para seu crescimento juntamente à percepção, por parte das populações, das vantagens, além do divertimento, que ela é capaz de proporcionar

ao crescer, mesmo se para isso for preciso que algo se transforme um pouco. Deste modo, as grandes festas já não são festas “espontâneas”, mas cuidadosamente planejadas, para as quais os preparativos são feitos com muita antecedência e implicam a organização permanente de pessoas encarregadas de executar inúmeras tarefas. No caso das pequenas festas, isto também acontece, embora em escala menor, pois nela os patrocinadores são pessoas do povo.” (AMARAL, 2001)

Na tese de Amaral, a Festa da Uva de Caxias do Sul aparece como modelo de festa que serviu de inspiração para outras tantas realizadas no Brasil. Não há como negar que o evento seja realmente grande. Em 2008, recebeu quase um milhão de visitantes. Uma festa planejada a cada dois anos, que conta com a participação de muita gente na sua realização, mas ainda é desafiada no sentido de envolver a comunidade como um todo nas festividades. Para compreender melhor essa afirmação, é preciso conhecer o que é a Festa Nacional da Uva.

Perfil da Festa Nacional da Uva

O imigrante italiano trouxe na sua bagagem cultural a idéia da festa e da feira. A festa estava sempre associada especialmente ao santo padroeiro da capela ou da igreja matriz. Porém, apesar da conotação religiosa, a parte profana estava sempre presente completando os rituais do dia festivo. Machado (2001) destaca que ficava difícil estabelecer as fronteiras entre o religioso e o profano. Os mesmos fiéis que participavam da celebração religiosa, também tomavam parte nos rituais e jogos profanos que aconteciam durante o dia. E as festas religiosas são até hoje tradicionais na zona colonial italiana no Rio Grande do Sul.

Quanto às feiras, elas tinham, inicialmente, um cunho de exposição. Mostrar o produto, expor os frutos colhidos da terra. Primeiro para a comunidade, depois para o mercado e para as autoridades, visando à comercialização. Antes do início da Festa da Uva, já haviam sido realizadas algumas feiras agroindustriais. Mas foi apenas em 1931, que pela primeira vez uma exposição de produtos agrícolas foi elevada à categoria de festa, com a primeira Festa da Uva de Caxias do Sul. E esse foi o objetivo, mostrar o principal produto cultivado pela comunidade. Uma festa com caráter de exposição.

Ribeiro (2002) aponta entre as edições da Festa da Uva quatro momentos decisivos na trajetória de definição de seu formato:



Primeiro momento – na década de 30, quando tem início o processo de construção da Festa da Uva.

Segundo momento – na Festa da Uva de 1950, com reflexos que se prolongam durante toda a década e parte da década seguinte. Representa a retomada da festa depois de um lapso de mais de dez anos, durante e logo após a Segunda Guerra Mundial, quando a identidade local sofre graves lesões, e é realizada com o claro intuito de repor a imagem da região de colonização italiana no quadro da nacionalidade.

Terceiro Momento – representa também um momento de crise da Festa da Uva. A festa de 1975, realizada no ano da comemoração do centenário da imigração, põe à tona o conflito entre a visão tradicional de uma festa da comunidade e a nova proposta de que ela seja um empreendimento centrado em interesses de ordem econômica, crise que se prolongaria por quase vinte anos, num progressivo processo de rejeição da Festa da Uva pela comunidade.

Quarto momento - representado pelas festas de 1994 e 1996, significa a retomada da Festa da Uva pela comunidade e, com isso, a retomada também de seu papel de representação educativa da própria identidade, dentro de novas circunstâncias.

Se no início a Festa da Uva queria apenas celebrar a vindima, aos poucos, com o sucesso das edições, a comunidade quis conquistar mais espaços. O perfil mais festivo começou a dividir espaço com a feira agroindustrial, que mostrava o potencial da cidade. Na década de 50, na retomada da busca da identidade, o apelo festivo volta, com o resgate da cultura italiana. Mas nas décadas seguintes, com o avanço do setor industrial, a festa adquire um caráter de evento de negócios, mostrando o que de melhor o setor metal-mecânico produzia. A crise de identidade se instala e a comunidade passa a rejeitar o evento. A recuperação do caráter festa inicia na década de 90 e continua até hoje. Aproximar a festa da comunidade é um desafio em todas as edições.

Santos (2003) relata resultados de pesquisas realizadas em três edições da Festa da Uva na última década, entre 1998 e 2002, que constataram a preferência dos visitantes pelos eventos de lazer, com a preservação de suas origens, mas com mais opções de entretenimento. A partir disso, os organizadores decidiram fortalecer o sentido de festa, oferecendo novas opções de entretenimento e lazer e, praticamente extinguindo, em comum acordo com os empresários, a exposição de produtos e equipamentos industriais pesados, como caminhões e ônibus. Em contrapartida, os produtos de origem colonial, o artesanato, a gastronomia e as atrações culturais e artísticas ganharam espaço.



Gilberto Spier Vargas era prefeito de Caxias do Sul na época e confirma a transformação:

“A Festa da Uva teve que viver sua transição de buscar cada vez mais o caráter festa e menos o caráter feira. As empresas caxienses participam, agora, mais em caráter institucional. A Festa da Uva deve caracterizar o aspecto festa, porque a sua parte feira será cada vez mais de bens de consumo. O grande público que visita a festa não vai comprar ônibus ou autopeças” (apud SANTOS, 2003, p. 47).

E esse é o formato que foi adotado até esta última edição de 2008. Um caráter festivo, que busca aproximar cada vez mais a comunidade da Festa da Uva. Envolver e valorizar todas as etnias que ajudaram Caxias ser o que é hoje passa a ser a estratégia da Comissão Comunitária. Zottis (2003) fala sobre esse aspecto. “Enquanto na década de 30 a população contava com uma considerável parcela de descendentes de italianos, atualmente é marcada por múltiplos perfis étnicos. Não há um único sotaque, mas várias falas que precisam conviver em harmonia. A América dos imigrantes que deixaram a Itália continua sendo feita com mãos de diversas origens, que merecem espaço e respeito.” (2003, p. 129)

A Festa da Uva cresce e evolui com esse grande desafio. Preservar a cultura e se adaptar ao novo, as evoluções econômicas, sociais e políticas de uma cidade que possui mais de 400 mil habitantes, segundo o IBGE, com olhares e opiniões diferentes, mas que por muitos motivos vieram para cá fazer parte desta história.

27ª Festa Nacional da Uva

Seguindo a mesma proposta de valorização de todas as etnias presentes no município, adotadas nas edições de 2004 – com o tema *Terra, pão e vinho* – e de 2006 - *A Alegria de Estarmos Juntos* -, a Festa da Uva de 2008 escolheu o tema *Uma vez imigrante, para sempre brasileiro*. Foram 18 dias de evento, de 21 de fevereiro a 09 de março. De acordo com a Comissão Comunitária, os números da festa anterior foram superados nesta 27ª edição, com a participação de 952 mil pessoas e distribuição de 235 toneladas de uva.

Os preparativos da festa iniciaram ainda em julho de 2007, com a escolha das soberanas do evento. O concurso teve 29 candidatas representando entidades e empresas da cidade, com um público de quinze mil pessoas. A Rainha desta edição é Andressa Grillo Lovato, e as princesas Vanessa Susin e Paula da Costa Tadeucci. Após a escolha, elas iniciaram a divulgação do evento em todo o país.



Porém, a grande movimentação em torno da festa começou mesmo em janeiro de 2008, um mês antes do início do evento. A Festa da Uva acontece em vários locais: no Parque de Exposições, com área de 40 mil metros quadrados, que abriga a feira, com estandes, praça de alimentação e locais para espetáculos culturais; na Rua Sinimbu, uma das principais vias da cidade, onde acontecem os desfiles do curso alegórico; e no interior do município, onde são realizadas as Olimpíadas Coloniais. Além, é claro, de toda estrutura de recepção aos turistas, como restaurantes, rede hoteleira e roteiros turísticos. Tudo isso envolve uma estrutura operacional, que, segundo os organizadores, chegou a 11.880 pessoas nesta edição.

A abertura da festa, no dia 21 de fevereiro, teve a presença da Ministra Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, ao contrário das últimas edições, que sempre contaram com a vinda do Presidente da República. O primeiro desfile aconteceu logo em seguida, às 17h de uma sexta-feira, o que deixou o trânsito da cidade um caos. Situação que se repetiu a cada desfile. Os dados oficiais da Comissão Comunitária também revelam que 204 mil pessoas assistiram ao curso alegórico, que tinha cerca de duas horas de duração e contava com dez carros e a participação de mais de três mil figurantes. A temática era a mesma da festa, fazendo referência ao passado e ao presente. A novidade desta edição era a possibilidade dos turistas participarem do curso.

Passaram pelo Parque de Exposições nos 18 dias de evento 594 mil pessoas, que puderam apreciar cerca de 800 shows e espetáculos locais, regionais e nacionais, com apoio das leis de incentivo à cultura. O apoio financeiro também veio com a conquista de Caxias do Sul como Capital Brasileira da Cultura em 2008. Nos pavilhões, o público também tinha acesso à Praça de Degustação de Uvas, onde a fruta estava à disposição dos visitantes, de forma gratuita. Entre os expositores estavam empresas da cidade e região dos mais variados setores, vinícolas, instituições representativas do município, agroindústrias e serviços. Outra novidade da festa foi inauguração do Centro de Eventos, obra esperada há bastante tempo pela comunidade, que qualificou ainda mais o parque. Neste espaço, ficou a Exposição de Uvas, variedades que participam de um concurso para escolher as melhores da safra de 2008. O local foi um dos mais visitados.

O balanço da festa é outro aspecto que deve ser ressaltado. A edição de 2008 custou R\$ 9.721.843,00 e obteve lucro de R\$ 169 mil. Uma boa notícia, já que o resultado positivo não era conquistado nas últimas edições. A Comissão Comunitária também afirma que aumentou em cerca de 20% a participação dos caxienses na festa, na



comparação com o evento de 2006. A pesquisa, realizada pela Faculdade da Serra Gaúcha, com sede na cidade, não revela mais dados, o que dificulta a avaliação. Mesmo assim, o Presidente da Comissão Comunitária da Festa da Uva 2008, Reomar Slaviero, avalia esse índice como positivo, “pois significa que a comunidade está voltando a acreditar na sua festa e a participar dela.”(Site oficial da Festa Nacional da Uva)

Os números oficiais comprovam que a Festa da Uva é um grande evento. O que se pretende a partir de agora é avaliar se essa dimensão também está associada ao envolvimento da comunidade local com a festa.

O Olhar da Comunidade Local

A proposta deste artigo é analisar a opinião da comunidade caxiense sobre a 27ª edição da Festa Nacional da Uva. Para análise, foram utilizados os depoimentos dos moradores a partir da coluna Opinião do Leitor, do Jornal Pioneiro, entre primeiro de janeiro e 30 de abril, período de preparação, realização e divulgação da festa.

Por ser o único jornal diário em Caxias do Sul e com abrangência em toda a região da Serra Gaúcha, o Jornal Pioneiro fez uma ampla cobertura sobre a Festa da Uva de 2008, intensificada durante os dias do evento, entre 21 de fevereiro e 09 de março. De primeiro de janeiro até o início da festa, o jornal fez reportagens mostrando como o evento estava sendo organizado e também falando sobre a colheita da safra da uva. Com o fim da 27ª edição, foram realizadas mais duas reportagens repercutindo o evento. No dia da abertura, o veículo de comunicação presenteou a comunidade com um caderno especial sobre a festa. O jornal também estava perfumado, com essência de uva, idéia que vem sendo adotada pelo Pioneiro há várias edições do evento.

Durante o período de análise foram publicadas 78 opiniões de leitores sobre a festa, a grande maioria motivada por reportagens ou comentários de colunistas do jornal sobre o assunto, feitos em edições anteriores. Entre os leitores que participaram, um deles registrou sua opinião por três vezes, em diferentes temas, e outros dois por duas vezes. Também houve a participação de representantes do poder executivo municipal, legislativo estadual e municipal, de integrantes da Comissão Comunitária e de entidades locais. Neste sentido, foi possível perceber, que quando o espaço não era disponibilizado a essas pessoas (representantes do poder público) nas reportagens, elas utilizavam a coluna de opinião do leitor para se manifestar. Essa situação se repetiu cinco vezes. Nesses casos, o elogio à Festa da Uva era a estratégia para produzir



visibilidade. Os integrantes da Comissão Comunitária utilizaram o espaço para agradecer à comunidade e ao jornal ou responder as críticas dos leitores.

Das 78 opiniões sobre a festa publicadas no Pioneiro no período de análise, 33 foram positivas, 30 negativas e dez apresentavam elogios e críticas no mesmo texto. As cinco restantes foram enquadradas como institucionais porque dizem respeito ao aspecto tratado no fim do parágrafo anterior. Os dados demonstram um equilíbrio entre as opiniões positivas e negativas, mas revelam que a festa não é unanimidade entre a comunidade. No quesito críticas, elas quase sempre aparecem em temas polêmicos presentes a cada edição do evento.

Quando faltava um pouco mais de um mês para o início da festa, um leitor fez uma crítica sobre a falta de divulgação da Festa da Uva. “Por onde passo, não vejo cartazes ou fôlderes, e também há pouca divulgação na mídia. Uma festa tão bela mereceria destaque maior”. (Coluna do Leitor, 17/01/2008). O cartaz da festa também recebeu críticas. Nele estavam as soberanas convidando para o evento, juntamente com um gaúcho, pessoas brancas, e um casal segurando a bandeira do Brasil, como representação do Monumento ao Imigrante italiano, inaugurado na década de 1950 em Caxias. A idéia de pluralidade proposta pelo tema da festa – *Uma vez imigrante, para sempre brasileiro* – não convenceu a todos. “O cartaz da Festa da Uva é de um preconceito racial atroz. Demonstra um pouco da xenofobia de seus idealizadores. Não devemos esquecer que essa pátria miscigenada acolheu muito bem imigrantes que vieram numa situação lamentável de seus países”, ressalta outro leitor. (Coluna do Leitor, 01/02/2008) A exclusão de etnias também recebeu destaque em outra coluna de opinião.

“Fora da região serrana, consideram nossa cidade excludente das etnias que não participaram do início da imigração. Infelizmente alguns episódios de exclusão étnica já ocorreram e contribuíram negativamente para aumentar essa visão distorcida de quem não participa da vida socioeconômica da cidade [...] Assim, parece-me que há uma contradição no marketing de divulgação da Festa da Uva na Capital Brasileira da Cultura, eis que não são somente os gaúchos, os italianos e seus descendentes que são os operários das fábricas, lojas e serviços em geral, que com o suor do trabalho vêm transformando a antiga colônia em metrópole.” (Coluna do Leitor, 20/02)

Os depoimentos apontam para questões já abordadas neste artigo. Moura (2003) ponderou que todo grupo necessita de uma cultura que o sustente para poder existir, vivenciada no sentido comum e repassada através de comunicação, para manter o sentido de pertencer entre seus integrantes. Porém, como a cultura não é estática e



evolui, é preciso adaptar-se ao tempo, e agregar valores surgidos no decorrer dos anos. Esse aspecto também foi abordado por Zottis (2003), ao enfatizar que não há um único sotaque presente nesta comunidade, mas várias falas que precisam conviver em harmonia. E quando essa harmonia não está presente, as manifestações surgem sob diversas formas. Neste caso, a coluna de opinião de um jornal.

O fato de Caxias ser a Capital Brasileira da Cultura serviu de pretexto para opiniões positivas e negativas sobre a festa. Uma das críticas foi a ausência de grupos folclóricos italianos na festa (Coluna do Leitor, 04/02), que foi rebatida no dia seguinte pelo diretor de Cultura do evento, com a afirmação de que a cultura italiana recebeu destaque na programação e a afirmação contrária seria desinformação ou má-fé. Também houve reclamações sobre a programação de shows e espetáculos no quesito diversidade (Coluna do Leitor, 25/02/2008). Diante de 800 atrações, fica difícil reconhecer o problema. Por outro lado, a acústica em alguns shows, inclusive nacionais, mereceu várias críticas, já que a estrutura do Parque de Exposições para apresentações como essas é deficitária. (Coluna do Leitor, 26/02 e 10/03/2008) Em contrapartida, outros shows nacionais foram elogiados. (Coluna do Leitor, 03 e 04/03/2008)

Outra polêmica que envolve a festa é a realização do Corso Alegórico. Neste ano foram sete desfiles, na Rua Sinimbu, uma das principais vias da cidade. A cada curso, o centro de Caxias se transformava em um caos. A transferência do desfile de local é tema de debate a cada edição da festa. E a população reclama muito. “A festa projeta Caxias, mas o duelo de vaidades e de teimosia em manter o curso na Rua Sinimbu inferniza a vida dos motoristas e pedestres. Quando será que a organização e a Prefeitura vão se convencer que não dá mais”, protesta um morador. (Coluna do Leitor, 29/02/2008) A indignação vai além. “Nos dias normais já é uma tarefa árdua dirigir em Caxias, em dias de desfile, simplesmente é impossível”, reclama outro leitor. (Coluna do Leitor, 08 e 09/03/2008) Uma prova de que o tema é conflitante são os registros feitos sobre o assunto na coluna de opinião do Pioneiro durante a análise: oito reclamações. Situação que acaba criando um clima de rejeição da comunidade para com a festa. Problema que poderia ser resolvido com planejamento.

Enquanto a polêmica não é resolvida, é importante salientar que o curso alegórico teve boa aprovação. Os depoimentos a respeito do desfile foram bem positivos. “Assisti ao desfile da Festa da Uva na quarta-feira e fiquei emocionada, pois ele retrata com muita propriedade a cultura, os costumes, as tradições e a vida das comunidades de Caxias do Sul e região. É um grande espetáculo”, comenta a leitora.



(Coluna do Leitor, 01 e 02/03/2008) O conflito de opiniões a respeito do assunto fica explícito neste depoimento. “Aos que não conseguem conviver com o brilho, cabe a depredação, as críticas infundadas e a raiva acumulada, que não fazem bem à saúde”.
(Coluna do Leitor, 07/02/2008)

Diante disso, é importante resgatar algumas palavras de Amaral (2001) sobre os significados das festas. Para a autora, elas são capazes de, conforme o contexto, diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É uma maneira de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis.

Porém, a harmonia defendida por Amaral ainda é um desafio no que se refere à Festa da Uva. Para se ter uma idéia, as ruas de Caxias do sul receberam uma decoração especial nesta edição do evento. Bonecos gigantes simbolizando a figura do *colono* – descendente de italiano que trabalha na terra – foram distribuídos pelas ruas da cidade. Vários foram destruídos por vândalos. A atitude foi repudiada também na coluna do leitor. “É uma vergonha o que os vândalos estão fazendo, queimando os bonecos da Festa da Uva [...] Em Canela e Gramado há diferenças sociais como aqui e as ruas estão sempre decoradas, ninguém rouba e muito menos põe fogo. Será que tem alguma coisa por trás desses incendiários?” (Coluna do leitor, 27/02/2008) O questionamento da moradora de Caxias talvez possa, mesmo indiretamente, indicar um caminho. O vandalismo, totalmente condenável, pode ser um ato de protesto daqueles que não são *colonos*, mas moram na cidade e não se sentem parte dela, ainda mais neste momento de festa.

O que foi dito no parágrafo anterior é comprovado pelo depoimento desta caxiense: “é impressionante como a cidade se movimenta para a Festa da Uva. Mas a festa é para quem mesmo? Para os caxienses? O que ganhamos com ela? Uma limpeza da cidade, uma manutenção das pinturas das faixas a cada dois anos. Ou seja, aparentemente Caxias tem que ser bela, limpa e preservada de dois em dois anos. E o restante do tempo?” (Coluna do Leitor, 23 e 24/02/2008) Essas pessoas não se sentem parte da festa, vêem o evento como uma “maquiagem” do real. São nesses momentos que a integração proposta pela Comissão Comunitária apresenta fragilidades. As atividades divulgadas para promover essa integração nem sempre atingem os objetivos propostos. A Gincana Cultural não existe mais. As Olimpíadas Coloniais são realizadas



desde 1994 e continuam com uma boa participação da comunidade do interior, mas os moradores da cidade pouco participam e interagem com a competição. E o projeto Tirando o Pó, que incentiva os moradores a montar recantos com objetos de famílias tem cada vez menos adesão.

O questionamento sobre para quem é feita a Festa da Uva, descrito no parágrafo anterior, teve resposta de outra leitora. O que demonstra que nem todos se sentem excluídos do evento. Num discurso de defesa à festa, a leitora argumenta que o evento promove o aumento da economia local, envolve a rede hoteleira, restaurantes, comércio, shoppings e até os taxistas. “E o que dizer das famílias que têm rendimentos devido a essa festa, por acaso eles não são caxienses?” (Coluna do Leitor, 27/02/2008) E são vários os defensores da Festa da Uva. Talvez este depoimento represente bem todos os registros positivos sobre a edição de 2008:

“Como caxiense, reverencio a organização da Festa da Uva. Cumprimento o prefeito José Ivo Sartori (PMDB), a prefeitura e secretarias, Gelson Palavro e todas as comissões da Festa da Uva, Vinícius Ribeiro, Tânia Tonet e equipes. Falhas existem, mas que as críticas construtivas realmente auxiliem na construção coletiva de uma festa que é de todos e, portanto, todos somos responsáveis.” (Coluna do Leitor, 13/03/2008)

O discurso apresentado nesse depoimento revela aspectos importantes. A Festa da Uva é formada por pessoas que ocupam espaços públicos ou já ocuparam. Essas pessoas são reverenciadas como representantes da população dentro da festa. Até que ponto elas representam os interesses da comunidade ou os seus próprios interesses? Existe uma construção coletiva para que realmente a festa seja de todos? É possível perceber o esforço da Comissão Comunitária da Festa da Uva em promover a apropriação do evento pelos moradores, mas não basta apenas vontade. É preciso compreender a comunidade, suas diferenças, suas necessidades. Um trabalho que exige olhar diferenciado, ouvidos atentos e muito diálogo. Além, é claro, de planejamento.

Considerações Finais

A Coluna do Leitor do Jornal Pioneiro se revelou um espaço importante de participação da comunidade. São publicadas, em média, seis opiniões de leitores sobre diferentes assuntos. Eles se manifestam geralmente pautados pelas reportagens e comentários do próprio veículo. Diante disso, fica clara a influência do meio de comunicação nas representações sociais a respeito, neste caso, da Festa da Uva.



Por mais que o leitor tenha a liberdade de se manifestar, o meio de comunicação vai influenciar nas representações sociais que ele irá formar sobre determinado assunto. As instituições públicas têm consciência disso, os meios de comunicação também. Cabe à comunidade se apropriar mais desse e de outros espaços e tentar mudar essa realidade, buscando maneiras diferentes de se manifestar e contar a sua própria história.

Referências Bibliográficas

AMARAL, RITA. **Festa à Brasileira – Sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Fonte digital: Documento da autora. Disponível em www.ebooksbrasil.com/eLibris/festas.html. 2001.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. 2ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

IBGE. Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na internet. Disponível em: www.ibge.org.br

JORNAL PIONEIRO. Edições sobre a Festa da Uva: Colunas do Leitor entre janeiro e abril de 2008.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma Cidade – Histórias de Caxias do Sul – 1875/1950**. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

MARTINS, Clerton. *Turismo, Cultura e Identidade*. São Paulo: Rocca, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e Festas Folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Valmir dos. **Turismo de Eventos em Caxias do Sul: A influência dos eventos de lazer e dos eventos de negócios no desenvolvimento do turismo local**. Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, 2003.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Festa e Identidade – Como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

FESTA DA UVA. Site de divulgação da Festa da Uva na internet. Disponível em: www.festanacionaldauva.com.br

ZOTTIS, Alexandra Marcela. **A Contribuição dos Cartazes da Festa da Uva na Construção da Imagem Turística de Caxias do Sul**. Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade de Caxias do Sul, 2003.